



Artigo
Article

TRANS-ETNOGRAFIA

TRANS-ETHNOGRAPHY

Jailton Caetano da Silva Júnior¹

RESUMO: A construção do saber não se dá de forma isolada. A interdisciplinaridade pressupõe a transferência de métodos de uma disciplina para outra. Pela abordagem interdisciplinar ocorre a transversalidade do conhecimento constitutivo de diferentes disciplinas. A interdisciplinaridade é, portanto, entendida aqui como abordagem teórico-metodológica em que a ênfase incide sobre o trabalho de integração das diferentes áreas do conhecimento, um real trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo. Acreditando nessa perspectiva antropológica e integrativa dos saberes, proponho uma interlocução transdisciplinar entre a antropologia e psicologia fenomenológica existencial, promovendo um diálogo entre etnografia e o método fenomenológico no intuito de clarificar o fazer antropológico na sua prática interacional em campo. **Palavras-chave:** trans-etnografia, interdisciplinaridade, método fenomenológico.

ABSTRACT: Knowledge is not constructed in isolation. Interdisciplinarity presupposes the transfer of methods from one discipline to another. The interdisciplinary approach involves the transversality of knowledge constituting different disciplines. Interdisciplinarity is therefore understood here as a theoretical-methodological approach in which the emphasis is on the work of integrating different areas of knowledge, a real work of cooperation and exchange, open to dialogue. Believing in this anthropological and integrative perspective of knowledge, I propose a transdisciplinary dialogue between anthropology and existential phenomenological psychology, promoting a dialogue between ethnography and the phenomenological method with the aim of clarifying anthropological practice in its interactive practice in the field. **Keywords:** trans-ethnography, interdisciplinarity, phenomenological method.

¹ Bacharel em Psicologia. Mestrando em Antropologia Social pelo PPGANTS-UFRR. E-Mail: jailtoncaetano16@gmail.com

INTRODUÇÃO

A construção do saber não se dá de forma isolada. Nenhuma disciplina sobrevive sem a outra e mesmo que inconscientemente, utiliza-se das pressuposições primárias de outra. Disciplinas e profissões não são reconhecidas somente pela construção de seu saber e pela excelência de seus serviços, mas principalmente pelas transformações que operam nos padrões de expressão da consciência e na qualidade de vida da população do planeta (SILVA, 2007).

A interdisciplinaridade pressupõe a transferência de métodos de uma disciplina para outra. Pela abordagem interdisciplinar ocorre a transversalidade do conhecimento constitutivo de diferentes disciplinas. A interdisciplinaridade é, portanto, entendida aqui como abordagem teórico-metodológica em que a ênfase incide sobre o trabalho de integração das diferentes áreas do conhecimento, um real trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo (NOGUEIRA, 2001).

Acreditando nessa perspectiva antropológica e integrativa dos saberes, proponho uma interlocução transdisciplinar entre a antropologia e psicologia fenomenológica existencial, promovendo um diálogo entre etnografia e o método fenomenológico no intuito de clarificar o fazer antropológico na sua prática interacional em campo.

ANTROPOLOGIA E PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL: UMA INTERLOCUÇÃO TRANSDISCIPLINAR

Os conceitos abordados aqui são frutos das reflexões emergidas da minha monografia intitulada CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DO CUIDADO TRANSPESSOAL DE JEAN WATSON PARA PSICÓLOGOS EM SUA ATUAÇÃO NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL. A partir desse estudo e do processo de formação em Antropologia social foi desencadeado em mim essa concepção teórico-metodológicas que eu denominei de Trans-etnografia, uma abordagem Transpessoal e Interacional de realizar o trabalho de campo em Antropologia com comunidades em situação de vulnerabilidade dos mais diversos tipos.

Para iniciarmos a discussão sobre essa teoria etnográfica, é importante elaborarmos a noção de pessoa entendida nessa concepção metodológica para depois focarmos na postura do antropologia frente às relações estabelecidas em campo. A antropologia enquanto ciência e profissão precisou enfrentar diversos desafios para aprimorar sua atuação juntos aos povos estudados, questões históricas, éticas e metodológicas, que exigiram uma constante reflexão e reformulação das práticas antropológicas.

O legado colonialista deixou marcas significativas no modo de fazer etnografia, de modo que a antropologia vem até hoje tentando superá-las. A etnografia tradicional muitas vezes reproduzia relações de poder coloniais, em que o antropólogo era visto como o "observador" superior e o indígena como o "objeto" de estudo, isso ocasionava relações de poder desiguais.

As primeiras etnografias frequentemente retratavam os indígenas de forma exótica e estereotipada, reforçando preconceitos e desconsiderando a complexidade de suas culturas. A coleta de informações e objetos culturais sem o devido consentimento e reconhecimento dos povos indígenas gerou acusações de apropriação cultural e

biopirataria, pois essas ações privavam os povos indígenas de seus direitos sobre seu patrimônio cultural e intelectual.

Outra questão relevante dessa fase da antropologia foi a elaboração de teorias antropológicas utilizadas para justificar o colonialismo, o racismo e a dominação de povos não europeus. A ideia de "raças inferiores" e a crença na superioridade da cultura ocidental foram utilizadas para legitimar a exploração e a violência contra povos indígenas e africanos. Entretanto ao longo das últimas décadas, a antropologia tem passado por um processo de autocrítica e reflexão, buscando superar o legado problemático do passado.

A ética na pesquisa antropológica é hoje um tema central, com ênfase no consentimento informado, na colaboração com as comunidades estudadas e no respeito aos seus direitos. A criação de manuais e códigos de conduta, em colaboração com as comunidades, tem ocorrido para que a antropologia seja usada de forma correta. É fundamental reconhecer os erros do passado e trabalhar para construir uma antropologia mais ética, responsável e comprometida com a justiça social.

A etnografia moderna busca ir além da mera descrição de costumes, procurando entender os significados e as lógicas que orientam as práticas sociais. Busca-se a compreensão da "rede de significações" que permeia o discurso e as relações sociais, priorizando a perspectiva dos próprios membros do grupo estudado, buscando compreender o mundo a partir de seus pontos de vista. O objetivo é captar o "ponto de vista nativo", entendendo as ações sociais a partir do olhar dos participantes.

Para que isso aconteça o antropólogo necessita lançar-se ao campo e nas relações, em um processo complexo e imersivo, que exige planejamento, sensibilidade e flexibilidade. Mediante essa complexidade, ações meramente objetivas e tecnicista não são suficientemente capazes de absorver as dinâmicas sociais e culturais de grupos humanos.

Assim, as relações evocadas no campo, pautadas apenas a partir do conhecimento tecnológico, não são as mesmas das construídas a partir das experiências humanas vividas (WATSON, 2008). Outros níveis de interação são altamente importantes para o alcance dos objetivos da etnografia e podem se diferencialmente alcançados mediante o conhecimento de fatores envolvidos nas relações, tais como o contexto, as emoções, a subjetividade e intersubjetividade, entre outros.

Vale destacar os procedimentos técnicos como formulação da pergunta de pesquisa, revisão bibliográfica, planejamento logístico, aprendizado da língua, entrevistas, coleta de dados documentais, diários de campo, entre outros, são altamente importantes; no entanto, para a Trans-etnografia, o nível mais elevado de contato para captar o "ponto de vista nativo" ultrapassa estes aspectos, expandindo-se para os planos emocional e espiritual. Entende o Ser Humano como possuidor de um Passado Causal, uma história de vida memorizada por meio de experiências, que são externadas pelo espírito através dos diversos meios de expressão comunicacional que o corpo físico possui.

Nesse sentido proponho uma reflexão sobre a postura do antropólogo num contexto internacional com populações em situação de vulnerabilidade social. Tentando superar um entendimento biomédico, determinista e reducionista dos indivíduos e comunidades, para isso considero que precisamos estabelecer uma visão de ser humano que consiga abarcar toda sua complexidade fenomenológica. Nesse sentido, a Trans-etnografia considera o ser humano composto por três dimensões essenciais: Mente, Corpo

e Espírito onde o Processo Interacional entre antropólogo e interlocutor, por exemplo é direcionado por essa mesma tríade.

Para que este nível internacional mais elevado venha a ser desenvolvido em campo com as comunidades ou grupos tradicionais que se pretende trabalhar e/ou pesquisar, a Trans-etnografia defende que o antropólogo deve apresentar:

- a) um compromisso moral de proteger e realçar a dignidade humana;
- b) afirmação e compreensão do significado da subjetividade das pessoas;
- c) habilidades para detectar sensações e condições da subjetividade dos indivíduos, inclusive de si mesmo, através de ações, palavras, comportamento, cognição, toque, intuição, linguagem corporal, entre outros;
- d) capacidade de sentirem-se unidos com os outros e com o universo em um movimento de harmonização mental, física e espiritual, esforçando-se para direcionar energias promotoras de agência e criatividade;
- e) capacidade para utilizar seus sentimentos, edificados através das experiências vivenciadas, como forma de conexão com outros indivíduos.

Para que estes elementos sejam positivamente utilizados, cabe aos antropólogos ampliarem seus conhecimentos e vivências por meio do contato com outras culturas, valores, meditação, psicoterapia, entre outras atividades (WATSON, 1988).

De acordo com as observações anteriores, o contato etnográfico nesta metodologia é situado como um momento único, profundo, e que requer elementos transcendentais para que seja apreendido e compreendido. Podemos considerar que o exercício da Trans-etnografia é, obrigatoriamente, composto por diferentes níveis e formas de relações humanas.

Neste sentido, a qualidade das relações interpessoais entre antropólogo e sujeitos permitem – ou não – com que essa interação/contato ou que o processo etnográfico seja genuína/potencializada possibilitando o que o autor Deleuze chama de "devir", o devir no sentido de um movimento através do qual um sujeito sai de sua própria condição por meio de uma relação de afetos que consegue estabelecer com uma condição outra, compreendendo também que "afeto" não tem aqui absolutamente o sentido de emoções ou sentimentos, mas o de "afecções" (DELEUZE & GUATTARI, 1980, p. 315).

Portanto, a Trans-etnografia objetifica traçar novas modalidades de relacionamento e responsabilidades para consigo e com os outros, além de oferecer maiores possibilidades de acolhimento das experiências subjetivas/transcendentais de grupos vulneráveis e/ou marginalizados que podem ser coerentemente alocadas em um rol de linguagem passível de sistematização em determinada visão de humano, mundo e universo.

Aqui devemos levar em consideração as concepções da autora Favret-Saada, que entende que os antropólogos devem ser afetados pelas mesmas forças que afetam o nativo, não de pôr-se em seu lugar ou de desenvolver em relação a ele algum tipo de empatia. Não se trata, portanto, da apreensão emocional ou cognitiva dos afetos dos outros, mas de ser afetado por algo que os afeta e assim poder estabelecer com eles uma certa modalidade de relação, concedendo "um estatuto epistemológico a essas situações de comunicação involuntária e não intencional" (FAVRET- SAADA, 1990, p. 9).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pressupostos dessa teoria etnográfica corroboram para uma autenticidade de Ser e Tornar-se mais plenamente humano, mais sincero, compassivo, presente; mais competente como profissional; mais capazes de habitar em silêncio, de ter consciência de seus pensamentos e emoções para fazer escolhas conscientes, responsáveis e sabias para se envolver em campos engendradas por dor, desconforto, angustias, lutas emocionais e sofrimento sem a necessidade de se proteger ou julgar a personalidade, aparência física, doença, diagnóstico, comportamento dos indivíduos, assim podendo ver o processo etnográfico como um fenômeno Transpessoal internacional em seu conceito mais amplo corroborando para uma atitude antropológica, aonde o pesquisador possa acolher as demandas e os sujeitos concretos encontradas no campo, cada uma dotada de suas particularidades e, sobretudo, agência e criatividade nas suas dimensões Bio-Psico-Sócio-Espiritual, ajudando a elaborar as experiências e os “fatos invisíveis”, integrando essas quatro esferas.

Em resumo, a postura Trans-etnografica pode auxiliar na investigação das mediações que se interpõem entre os nativos e sua experiência social, possibilitando assim a análise das diferentes formas simbólicas através das quais os nativos se expressam ajudando a suspender os julgamentos de valor quase inevitáveis quando temas específicos como vulnerabilidade e marginalidade é submetido à análise.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995-1997. v. 1-5. (Publicação original: 1980)
- FAVRET-SAADA, J. “Être affecté”, *Gradhiva. Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie*, 8: 3-9, 1990.
- NOGUEIRA, N. R. **Pedagogia dos projetos: uma jornada Interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. São Paulo. Érica, 2001.
- SILVA, A. L. da. **Cuidado Transdimensional: um novo paradigma para a saúde**. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2007.
- WATSON J. **Nursing: human science and human care: a theory of nursing**. New York: National League for Nursing, 1988.
- WATSON, J. **The Philosophy and Science of Caring**. Revised & Updated Edition. Boulder: University Press of Colorado, 2008.

Cronologia do Processo Editorial
Editorial Process Chronology

Recebido em: 14/01/2025

Aprovado em: 29/04/2025

Received in: January 14, 2025

Approved in: April 29, 2025